

MARCELO
RUBENS
PAIVA

Ainda
estou
ammi

ALFAGUARA


ALFAGUARA


Copyright © 2015, Marcelo Rubens Paiva

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa
Alceu Chiesorin Nunes

Foto da p. 7
Eunice e Rubens Paiva no aeroporto de Brasília, anos 1960 (Acervo de família)

Preparação
Mariana Delfini

Revisão
Carolina Vaz
Ana Grillo
Cristhiane Ruiz

Coordenação de e-book
Marcelo Xavier

Conversão para e-book
Abreu's System Ltda

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P169a
Paiva, Marcelo Rubens
Ainda estou aqui [recurso eletrônico] / Marcelo Rubens Paiva. –
1. ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
recurso digital

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
213p. ISBN 978-85-7962-417-9 (recurso eletrônico)

1. Paiva, Marcelo Rubens. 2. Literatura brasileira. 3. Memórias.
4. Família. 5. Livros eletrônicos. I. Título.

15-24105 CDD: 869.93
 CDU: 821.134.3(81)-3

[2015]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.
Rua Cosme Velho, 103
22241-090 — Rio de Janeiro — RJ
Telefone: (21) 2199-7824
Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

Ainda estou aqui

Eunice e Rubens

Dedicatória

Epígrafe

Parte 1

Onde é aqui?

A água que não era mais do mar

Blá-blá-blá...

Cometas da memória

Mãe-protocolo

Parte 2

Merda de ditadura

É a peste, Augustin — Perdão, tenho que morrer

O telefone tocou

Doze dias

Ou, ou, ou, ou, ou...

O sacrifício

Parte 3

Depois do luto

Você se lembra de mim?

Já falei do suflê?

O choro final

O alemão impronunciável

O que estou fazendo aqui?

A denúncia

Decisão — Recebimento da denúncia

Nota do autor

Ainda estou aqui



Para minhas irmãs Veroca, Eliana, Nalu e Babiu

Planet Earth is blue, and there's nothing I can do.

David Bowie

Parte 1

Onde é aqui?

Não nos lembramos das primeiras imagens e feitos da vida: do leite do peito, das grades do berço, do móbile que se mexe sozinho magicamente, de nos virar, não conseguir desvirar e chorar até alguém acudir, de como jogar as perninhas pro lado, nos virar e desvirar sozinhos, o primeiro movimento que revela um domínio corporal relevante da vida, do qual nos orgulhamos imensamente, como nos erguer no berço, na cama dos pais, no chão, da primeira vez que ficamos em pé, apoiados na parede, o segundo movimento de domínio corporal do qual nos orgulhamos imensamente, de jogar brinquedos para fora do berço, de quem são papá e mamã, de apertar bonecos que dizem “você é meu amigo”, “coraaaação”, “quem tá feliz bata palmas”, de que chorar é recompensador, do fascinante interruptor que acende e apaga a luz, do mundo dos vários botões ao redor, do mundo em que passam aviões no céu, e há tomadas, o papel rasga, a impressora cospe papel, a gaveta abre e fecha, abre e fecha, e há gavetas por todos os lados, de ligar a TV, de chamar o elevador, das teclas do telefone e computador e controle remoto, do primeiro contato com o magnífico celular, que toca música, e de uma queda livre sem apoio que com o tempo se transforma em caminhar e é aprimorada, um movimento que todo mundo incentiva e adora e bate palmas pra ele.

Nos lembramos disso diariamente, ao sair do berço, de ir atrás do celular, do controle, de tentar caminhar, de rasgar papel, de abrir e fechar gavetas, abrir e fechar, do botão do boneco que nos chama de amigo, dos domínios corporais que se aprimoram com o tempo, dos interruptores de luz, do que pode e daquilo que “NÃO!”, não pode, dizem bravos, de quem é papá, mamã, vovó, titia, de

que, quando nos levam ao berço e apagam a luz, temos medo de tudo isso sumir e nunca mais voltar: por isso choramos até cansar.

Já temos MEMÓRIA desde o primeiro dia em que nos deram à luz! Temos lembranças assim que acordamos, lembramos que o mundo é magnífico, sentimos um vazio no estômago, uma fralda pesada, molhada, e lembramos que, se chorarmos, milagrosamente aparece alguém que nos livra do desconforto.

Somos um pi-to-qui-nho de gente pe-ti-ti-ti-ca e temos memória, referências, jogamos com elas, calculamos nossas ações nos apoiando em lembranças (já) solidificadas. No entanto, não nos lembraremos de nada disso anos depois. Não nos lembramos de nada disso, mas nos lembramos do triciclo que ganhamos aos três ou quatro anos, da pré-escola, de uma festa de aniversário em que foram TODOS os amigos, de alguns brinquedos, babás, casas em que moramos, corredores, quartos, castigos, brigas, escolas, tias-professoras, coleguinhas.

As primeiras lembranças que guardamos para o resto da vida são as de quando temos três ou quatro anos, e a cada ano que passa virão mais lembranças que serão guardadas, cinco, seis, sete, que se tornam as primeiras lembranças mais fortes do que o esquecimento, que serão cobertas por novas experiências, que se acumulam, se acumulam, se acumulam, oito, nove, dez...

Meu filho não vai se lembrar de quando tinha um aninho e fazia questão de mostrar o umbigo a todos que viessem falar com ele. Só sossegava se também mostrássemos o nosso. Não vai se lembrar dos umbigos gordos, peludos, lisos, engraçados, femininos, enormes, branquelos, tortos, achatados, moles, tímidos, exuberantes, belíssimos que viu. Não vai se lembrar dos tios, tias, amigos e amigas dos pais, desconhecidos e desconhecidas, que levantaram a camisa para ele, fazendo uma cara engraçada, sorrindo um sorriso que ele costumava checar se tinha a ver com o umbigo, pois olhava o umbigo alheio, o rosto do seu dono e voltava ao umbigo. Nem vai se lembrar de que girava na sala como uma barata tonta, caía, levantava e girava; só dias depois descobrimos que estava jogando capoeira sozinho na sala, que aprendeu na escolinha.

Mas saberá do seu fascínio infantil por esse buraco de nome engraçado no meio do corpo que todos têm, depressão na pele resultado da queda do cordão umbilical, a primeira cicatriz fisiológica que ganhamos. Saberá disso porque contaremos, porque nas primeiras fotos das primeiras festas do primeiro ano do grupo G1 da sua primeira escola, as crianças em torno de uma mesinha aparecem sorrindo ou chorosas, olhando ou não para a câmera, e ele aparece de camisa levantada apontando o seu umbigo fenomenal. E se perguntará se existe uma fase em que a comunicação com o mundo se passa pelo umbigo, e se as primeiras lembranças entram por ele.

O renascimento de um fato psicológico passado, seu reconhecimento e localização são as condições necessárias das lembranças. Ou da memória. Elimine um deles, não será lembrança, mas reminiscência. Você olha uma pessoa na rua, pensa reconhecê-la, imagina que já a viu antes, mas não sabe dizer quando nem onde. Há o retorno de um fato passado e o reconhecimento, mas falta a localização: não há lembrança. Henri Bergson escreveu sobre isso. Um teste clínico simples para detectar a falta de memória, como em pacientes com Alzheimer, é perguntar onde e em que ano estamos.

30 de janeiro de 2008. Saímos da estação Liberdade. Fazia sol, mas me lembro do cheiro de que ia chover. Talvez todo paulistano detecte com precisão o cheiro da chuva a caminho. Sente no ar que o mundo pode desabar e tudo vai mudar. Sabe que, se chove, segue-se o caos. E que, por mais que tentemos, a natureza ainda é quem comanda a rotina do maior núcleo urbano da América do Sul.

São Paulo é das raras cidades que têm postes com placas que indicam *ÁREA SUJEITA A ENCHENTES*, letras em vermelho sobre um fundo azul com duas grandes nuvens com gotas enormes, placa que não está no Código de Trânsito Brasileiro. Como se adiantassem ao motorista que desce a rua Diana, em Perdizes, onde está a placa, na esquina com a rua Turiassu — em algumas placas, Turiaçu —, que no caso de tempestade a rua em frente se torna um rio caudaloso, e que a enchente desce a rua com uma correnteza forte no mesmo

sentido dos carros, não na contramão, como se também obedecesse às placas de trânsito, e que alaga todos os verões.

A memória é uma mágica não desvendada. Um truque da vida. Uma memória não se acumula sobre outra, mas ao lado. A memória recente não é resgatada antes da milésima. Elas se embaralham. Minha mãe, com Alzheimer, não se lembra do que comeu no café da manhã. Minha mãe, com Alzheimer, vê meu filho de um ano, que é a minha cara, e o reconhece. Não acha que sou eu, mas o chama de filhinho, de meu filhinho. E sempre diz:

— É a coisa mais linda.

E às vezes se confunde e diz:

— Ela é a coisinha mais linda.

Pode ser ela, a criança. Pode ser que, por ter tido quatro filhas, todos os bebês se tornem ela. Minha mãe reclama muito quando o levamos embora.

Centro velho de São Paulo. Saímos da estação Liberdade. Minha mãe, minha irmã Veroca e eu. Cruzamos o largo Sete de Setembro. Me lembro do cheiro de que ia chover e do agito em torno do fórum. Ela já tinha feito aquele caminho centenas de vezes. Mas, se a soltássemos ali, sozinha, naquela tarde abafada, ela estancaria e não saberia o caminho de volta. Se perderia num raciocínio circular, sob uma enchente de imagens, sinapses, comandos, lembranças, que inundariam seu cérebro, fariam do conhecido, desconhecido, resultariam numa só pergunta:

— O que estou fazendo aqui?

Ou melhor:

— O que é mesmo que vim fazer aqui?

E talvez:

— Onde é aqui?

Como não encontraria a resposta, já que a tempestade cerebral impediria a clareza dos pensamentos, ela diria a frase que marcou a parte inicial do Alzheimer:

— Quero ir embora.

Ou:

— Quero ir pra casa.

Às vezes sorridente. Às vezes furiosa. Sempre surpreendente.

Entramos no Fórum João Mendes. Ela olhava para o lugar com familiaridade e sorria. Estava curtindo o passeio. Esperamos nas filas dos elevadores. Sobre eles, placas indicam os andares em que cada um para. Um entra e sai numeroso de advogados, estagiários, réus, testemunhas, queixosos, policiais, prisioneiros, assistentes, vítimas e casais se separando.

Turiaçu é um rio no Maranhão. A origem do nome vem de “tury” = “facho” + “assu” = “grande”. Facho grande, grande luz, grande fogueira. Uma fogueira num lugar elevado e vista de longe servia à pesca do camarão no mar. Em noites escuras, mostrava aos que se demoravam, mais afastados da costa, o ponto do regresso. Guiava os perdidos. Turyassu: a grande fogueira, o farol que iluminava o caminho de volta para casa, para a aldeia, para as famílias.

Bateram no meu carro numa paralela à Turiaçu, num dia claro, e fui processado naquele fórum. Minha mãe foi a minha advogada. O sujeito, mesmo culpado, me pediu uma grana. Minha mãe aceitou a conciliação. O cara pedia cinco vezes mais do que o conserto. Apresentou orçamentos falsos. Fiquei decepcionado com ela, pois não lutou até o fim, não fez a justiça prevalecer; eu era inocente. Ele bateu no meu carro e agora tá dizendo que eu bati!

— Meu filho, faz um acordo, não vale a pena ficar brigando...

Não foi feita a justiça. Paguei o conserto do cara. Descemos no elevador com o pilantra e o advogado oportunista dele. Descemos num respeitoso silêncio. E cada parte foi pro seu lado sem se despedir. Eu deveria ter esganado os dois, ele e o advogado. Fomos caminhando para a estação Liberdade. Ouvi outras vezes, derrotado:

— Meu filho, faz um acordo, não vale a pena ficar brigando...

Me separei naquele mesmo fórum, anos depois. Era para minha mãe ser a minha advogada, como tinha sido a vida toda, advogada para tudo: batida de carro, contratos, desentendimentos trabalhistas, problemas com a Receita. Foi minha revisora e contadora, além de advogada de todos os cinco filhos e de uma dezena de primos, amigos e até de amigos de primos e pais de amigos. Divorciou casais amigos, inventariou bens de famílias

amigas, foi advogada de fábrica, de empresas e de índios, foi advogada do divórcio do Ronnie Von, que causava furor quando aparecia no escritório:

— Meu bem...

Uma das poucas especialistas em direito indígena, foi advogada da fundação do Gilberto Gil, foi advogada no Brasil do Sting, que doava grana para os caiapós, ele ligava para ela em casa, com um sotaque inglês inconfundível:

— Eunice Paiva, porrr fa-vorrr.

— Mãe! Stingui de novo no telefone! Fala rápido, que estou esperando uma ligação!

Foi advogada de ilustres e desconhecidos, foi consultora do governo federal, do Banco Mundial, da ONU. Para onde foi todo esse conhecimento? Está à deriva na sua memória, pra lá e pra cá no mar de ligações químicas, de onde não se enxerga o facho grande da costa, a grande fogueira, para retornar à terra, ao ponto de partida. Como Major Tom, o astronauta de David Bowie que empacou flutuando no espaço num jeito peculiar, ao redor da Terra.

Ground Control to Major Tom.

Your circuit's dead, there's something wrong.

Can you hear me, Major Tom?

Can you hear me, Major Tom?

Major Tom, às escuras, num voo às cegas, na porta da sua nave, que parece uma lata fina. *Planet Earth is blue, and there's nothing I can do.* Me pergunto se esse é um pensamento conformista, de quem não acredita em ações transformadoras ou nas possibilidades de o homem, um ser político, fazer a história, em atitudes que um dia chamou de revolução, ou se, em certos casos, a Terra é azul, é muito maior do que nossa insignificância, e não há nada que se possa fazer.

Descemos na 5ª Vara da Família do João Mendes, onde encontramos nossas duas advogadas, advogadas que minha mãe escolheu, com quem se reuniu num escritório na avenida Paulista para, ainda lúcida, dar dicas de como elas deveriam agir.

Esperamos no corredor.

Prisioneiros algemados ficam de costas, os rostos grudados à parede, e sempre escoltados. Em muitos bancos, réus, testemunhas e queixosos estão incomodados com o mesmo calor, com a ciência de que vai chover, de que sairemos daquele prédio e o caos terá desabado sobre a cidade. Todos quase em silêncio, silêncio respeitoso, sim, doutor, não, doutor. Eu já disse isso?

O curioso é que, dentro das varas, quebra-se o maior pau. Mas fora, nos corredores, no hall, nos elevadores, pouco se fala. Quando se fala, é aos sussurros.

Em nenhum momento ela perguntou o que estávamos fazendo, nem pediu para ir embora. Naquela fase, “passear”, ver coisas e pessoas, podia deixá-la feliz. E talvez ali se sentisse confortável. Restavam em sua memória os tantos momentos em que esperou naqueles bancos. Minha mãe devia se sentir em casa, por isso não se queixara. Ainda havia algum senso de presente, logo de memória. Ainda. E talvez não tenhamos UMA só memória.

Diante de cada vara, uma mesinha com uma ou um secretário. Quando nos chamaram, olhei para ela. Vamos? É a nossa vez. Ela olhou para a Veroca. Confiava nos dois, não apenas em mim. Confiava na filha mais velha e no único filho homem. Não confiava cegamente, nunca confiou em ninguém cegamente. Era advogada. Checava cada decisão que tomávamos, para ver se fazíamos o certo. Sabia que estávamos nós dois agora no comando. E, se assinasse algum documento, mesmo com Alzheimer, checava cinco vezes. Se não concordasse, não assinava. Checava cada decisão que as advogadas tomavam, para ver se estavam fazendo o certo. Sabia como seria o seu futuro. Sabia que a demência era um caso não só para a medicina, mas também para o judiciário. Sabia que havia leis que a protegiam e preservavam o bem (e os bens) familiar(es). Acreditava na Justiça. Orgulhava-se de fazer parte daquele meio. Me dizia sempre:

— Ela existe para defender os mais fracos.

Chamaram seu nome. Obedeceu, resignada. Entramos na sala. O juiz de família numa mesa sobre um praticável. Nos sentamos nos locais indicados pela escritá. Um retrato enorme e mal pintado de um soldado fardado era a única reprodução pendurada na parede, diante do juiz. Comentei, para quebrar o gelo, que era impossível alguém lutar com aquele uniforme ridículo, sem contar o pesado capacete. Ele me interrompeu, disse que era seu pai, que tinha sido policial da Força Pública, antiga Polícia Militar, um exemplo de caráter. E que aquele era o uniforme de gala. Eu não podia voltar no tempo. O juiz leu por alto o processo, pulou parágrafos, olhou para todos. Encarou a minha mãe.

— Vi que temos aqui uma colega bacharel.

— Sim, sou advogada. Aposentada.

— A senhora sabe por que está aqui?

— Porque estou velha e preciso que cuidem de mim — respondeu com a sua marca: sinceridade e lógica.

Estávamos no Fórum João Mendes, na 5 Vara da Família, porque ela estava velha. Essa era a grande ironia. Especialista em interditar pais dos amigos, tida como advogada de confiança, estava para ser interdita às 14h35. Tinha setenta e sete anos. Nem tão velha assim. Interditou dramaticamente velhos conhecidos. Sabia, passo a passo, como fazê-lo.

O juiz tinha à sua frente atestados de dois médicos especialistas, um deles professor da USP, exames clínicos, imagens do cérebro com as detectáveis manchas brancas que indicam a doença, procurações dos cinco filhos pedindo a interdição. Esperávamos que, como de praxe, fosse constituir um perito judicial de sua confiança para tirar os direitos civis de uma bacharel. Tratou o caso com objetividade, frieza e respeito; afinal, estava diante de uma colega. Não falou em jurídicos. Rotina. Quantos casos semelhantes não julgou naquela semana? Quantas vezes não leu os autos do processo e viu as mesmas palavras, termos, pedidos?

Virou-se para a minha mãe e perguntou de surpresa:

— Em que ano estamos?

Ela me olhou em desespero. Era aquela expressão, a nova expressão, adquirida havia poucos anos, como se tentasse lembrar algo banal e não conseguisse, a data!, que dia é hoje!, data!, dia/mês/ano!, humilhada pelas conexões do cérebro, proteínas que faltavam a cada dia, mais e mais, eles querem a data!, o que a deixava num branco incomum, onde está o facho? Olhou para nós como se estivesse sendo arrastada pela correnteza para o vazio do oceano, iria se afogar, afogar-se no esquecimento. Assustada, surpresa por não se lembrar, coisa simples. Era um exercício sobre-humano remar de volta. Tinha que adivinhar a direção, defender-se e responder em que ano estávamos. Não sabia. Não sabia em que ano estávamos, em que mês estávamos, em que dia. O tempo não fazia muito sentido. Não conseguiria dizer com certeza o que tinha comido no café da manhã. Por mais que tentasse, não acertaria a primeira pergunta. Um a zero para a doença. O juiz emendou outra:

— Como é o nome do presidente do Brasil?

Novamente, o olhar, desespero, vergonha, branco, deu branco, ela sofria demais, sofria sempre quando não reconhecia alguém e a pessoa perguntava, “Se lembra de mim?”, era desesperador não se lembrar se já se banhara, esquecer os remédios, a panela acesa no fogão, não ver a fogueira no alto do morro para voltar à costa com o barco cheio de camarão, a pesca realizada, a missão cumprida.

O presidente do Brasil, mãe, você o conhece pessoalmente. Ele já foi em casa duas vezes, quando ainda era líder sindical. Você esteve na fundação do partido dele. Esteve ao seu lado na luta pela Anistia, pelas Diretas, pela redemocratização. Até queriam você como suplente de senador do partido dele. Ele foi em casa numa noite em que tudo estava uma bagunça. Eu jogava War na sala com amigos. Tínhamos fumado maconha. Ríamos alto. Você, no quarto. A Veroca o trouxe com o Geraldinho. Ele entrou, e gargalhamos, pois estávamos bem chapados. Ele nos cumprimentou, riu também, deve ter sentido o cheiro da rua. Claro que não oferecemos. Ele entrou e foi conversar com você

sobre os rumos da política brasileira, que se reorganizava, saía da ditadura. Ficamos nos perguntando se deveríamos ou não oferecer maconha ao metalúrgico líder sindical. Melhor não. Naquela época, eu fumava maconha em casa com os amigos. No quarto, na varanda, nunca na sua frente. Depois de você ter descoberto que eu fumava, depois de ter descoberto que meus amigos fumavam, depois de ter descoberto que seus amigos, e amigos que fez já viúva, fumavam, depois de seus amigos que fumavam terem lhe oferecido, e de você não recusar, por educação, por timidez, e ter dado uns pegas, curiosa... e não ter sentido nada, você viu que não era coisa do demônio. Liberou.

A memória não é a capacidade de organizar e classificar recordações em arquivos. Não existem arquivos. A acumulação do passado sobre o passado prossegue até o nosso fim, memória sobre memória, através de memórias que se misturam, deturpadas, bloqueadas, recorrentes ou escondidas, ou reprimidas, ou blindadas por um instinto de sobrevivência. Uma fogueira no alto ajudaria. Mas ela se apaga com o tempo. E não conseguimos navegar de volta para casa.

O juiz esperava a resposta. Veroca, como se falasse com uma criança, ainda tentou:

— Mamãe, você conhece ele, é o Lu...

Nada. Silêncio. Ela me olhou. Nada. Tudo bem, mãe. Tudo bem, é normal esquecer, você está velha, acontece, todos nós esquecemos, não precisa ficar desesperada nem se sentir culpada, estamos aqui pra te ajudar, todos nós também vamos envelhecer, lembra da sua sogra, a vovó?, também ficou assim, ficou gagá, sua mãe também envelheceu, ficou velhinha, lembra dos amigos dos seus amigos, que você interditou?, também ficaram assim, envelhecer faz parte, se esquecer é normal, eu também me esquecerei no futuro, eu, a Veroca, as advogadas, esse juiz, o pai dele, nesse uniforme ridículo, deve ser hoje um velho que se esquece, não sofra, todos esquecemos, esquecer faz parte, é normal, envelhecer é normal, faz parte, vai dar tudo certo, a Justiça te protegerá, você confia na Justiça, nós cuidaremos de você, fique tranquila...

O juiz perguntou, pois queria saber se tínhamos uma causa, se abria o processo. Sim, a bacharel estava incapaz. Sofria de alguma demência. Era a doença que a impedia de se lembrar. Podia ser Alzheimer. Podia ser hormonal ou outra demência. Hoje existem demências identificadas, nomeadas, diferentes umas das outras. A população envelhece. O cérebro da população envelhece. Um perito escolhido pelo juiz faria a avaliação final. Mas era preciso fazer a interdição temporária.

— Estamos aqui porque seus filhos pedem a sua interdição judicial e elegem seu filho, Marcelo, como curador. A senhora está ciente disso?

— É porque estou velha e preciso que cuidem de mim.

Ela não disse seu prognóstico. Tentava, a todo custo, ser tratada não como uma doente, uma demente, mas como um ser igual a todo mundo, que, com a idade, é traído pela memória, fica velho, fica esquecido, fica esclerosado, velhinha.

— Ela pode também ser minha curadora? — perguntou, se referindo a Veroca.

— Não, apenas um.

— Mas ela pode cuidar de mim?

— Claro, mamãe, sempre cuidarei de você — Veroca disse.

E era quem cuidava. Já havia se estabelecido ali uma parceria de amor e confiança. Me perguntei por que eu, e não ela, minha irmã mais velha, estava sendo eleito curador. Porque sou homem. O único homem da casa. Ela me escolheu. Depois de tudo o que fez por mim, por toda a minha vida, eu deveria retribuir.

Passou a falar das duas filhas que moram fora, uma na Suíça, outra em Paris, dos netos que moram na França, que queria pagar para eles virem vê-la todos os anos, já que ela não conseguia mais viajar, insistiu que deveríamos sempre mantê-la próxima dos netos, que ela tinha dinheiro para isso. O juiz concordou. Ela insistiu. Falou de novo que tinha duas filhas que moravam fora, uma na Suíça, outra na França, e três netos em Paris, que precisava que eles viessem todos os anos, que ela pagava se não tivessem dinheiro, pois ela ia todos os anos vê-los, mas agora estava velha, não conseguia viajar, se perdia em aeroportos, se perdia na rua em busca

de um táxi, não conseguia comprar passagens pela internet, não conseguia comprar nada pela internet, não conseguia usar a internet, apesar das tardes em que passei ensinando-a, irritava-se com o mouse, não entendia direito o mouse, o cursor sumia e reaparecia, queria mesmo comprar passagens na loja da Varig, que ficava na Paulista, mas a agência tinha fechado, a companhia estava falindo, a Vasp também tinha falido, a companhia com a qual viajava rotineiramente atrás da promoção (guarde nove cartões de embarque e ganhe uma viagem GRÁTIS). Faliram. A Transbrasil também faliu, tudo mudava rápido demais, os bancos se automatizavam, suas notificações da Justiça vinham agora por e-mail, não mais em carta em papel-jornal grampeado da AASP, Associação dos Advogados de São Paulo, e ela não conseguia se entender com o “maledetto” do mouse! Ma-le-det-to!

Repetir é um dos gestos rotineiros de quem tem demência. Não sei se é porque a pessoa se esqueceu do que disse ou para reafirmar o que disse, já que alguns não prestam atenção. Essa repetição, aliás, é um alerta: é quando a família recebe os primeiros sinais de que os pensamentos de quem repete não seguem uma rota contínua.

O juiz foi surpreendentemente atencioso e ouviu a segunda vez como se fosse a primeira, que ela tinha filhas e netos no exterior e que queria pagar para eles virem vê-la todos os anos. Claro, pode deixar, vamos cuidar disso, ele respondeu.

O juiz me olhou seriamente. Anunciou que, a partir daquele instante, eu seria responsável jurídica e criminalmente pela minha mãe.

— A partir desta data, o senhor é responsável jurídica e criminalmente pela sua mãe.

Exigiu que eu me desdobrasse pelo conforto e bem-estar dela. Determinou que ela não poderia mais ficar sozinha. Precisaríamos de cuidadoras vinte e quatro horas por dia, sete dias da semana, trezentos e sessenta e cinco dias do ano. E lembrou que eu tinha a obrigação de trazer as filhas e os netos que moram fora.

Desde então, minha mãe nunca mais ficaria sozinha.

O jogo tinha se invertido naquele instante.

Em 30 de janeiro de 2008, naquela tarde abafada, na forma da lei no Foro Central Cível na praça João Mendes, s/nº, 4º andar, sala 426 do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, primeiro provisoriamente e depois definitivamente, aquela que cuidou de mim por quarenta e oito anos seria cuidada por mim. O referido é verdade e dou fé.

Eu virava mãe da minha mãe.

E não choveu.

A água que não era mais do mar

Em fevereiro de 2014 nasceu meu filho. Talvez, de alguma forma, ele vá se lembrar de quando nasceu: verá fotos e filmes de como era gostoso fazer da minha barriga um tambor, da minha perna, uma escada, da minha cadeira de rodas, um andador, e de como ele gargalhava quando eu assoprava seu cabelo, colocava um chapéu em mim e depois nele, de como ele parava o que estava fazendo para ver os comerciais das Casas Bahia ou dançar na música de abertura do *Jornal Nacional*, do prazer em ouvir qualquer música, que começou quando nenê e que descobri casualmente: música era a única coisa que o fazia parar de chorar, como uma injeção de ondas harmônicas de opiáceos pelo ouvido.

Dizem que bebês escutam no útero, e que a audição é o primeiro sentido aprimorado das nossas vidas. Ele gosta de bandas que estavam no line-up do Lollapalooza em que eu e minha mulher ficamos no gargarejo, no local privilegiado de deficientes com direito a acompanhante (The Black Keys, Alabama Shakes e Kaiser Chiefs). Gosta e se lembra de bandas que ouviu no meu colo, como Arcade Fire e Arctic Monkeys. Ou dos clipes de “gostasas” que assistíamos pelo YouTube, como Madonna, Shakira, Rihanna, Beyoncé e Britney Spears, até ele parar de chorar. Eu juro que ele gostava e provei a todos os amigos (especialmente à mãe), sem perceber a projeção paterna e a inversão: quanto mais gostosa, pior a música. Até o dia em que, sem querer, coloquei Sammy Davis Jr. e o vi despertar de um pesadelo sonoro, abrir a boca espantado, encantar-se pela qualidade musical do artista. Passei a investir no jazz dos anos 40, 50, e ele ficava cada vez mais embasbacado. Chegou ao êxtase quando ouviu Tom Jobim. Com um ano de

idade, foi enfim tragado pelas bandas infantis que misturam ritmos, diversão, mensagens didáticas e não economizam nas guitarras: Pequeno Cidadão e Palavra Cantada. Toda vez que precisávamos acalmá-lo, distraí-lo, ocupar seu tempo, me pediam para colocar os (mesmos) cliques do Pequeno Cidadão e da Palavra Cantada. Ele se lembrará disso no futuro?

Eu me lembro da primeira música que aprendi ainda na pré-escola, Serelepe, casinha que ficava numa travessa da Rebouças, de cujo pátio também me lembro bem: “Espinafre é gostoso e ferro contémmmmm”. O “mmmm” era prolongado até perdermos o fôlego. Me lembro da abertura de *Bat Masterson* (“No Velho Oeste ele nasceu, e entre bravos se criou, seu nome lenda se tornouoooo, Bat Masterson, Bat Masterson...”), de *Vigilante Rodoviário* (“De noite ou de dia, firme no volante, vai pela rodoviiiiia, bravo Vigilante”) e do incompreensível e hipnótico tema de *National Kid*, cujo refrão era a única coisa que entendíamos (“Hei, Nacionaro Kido, Ki-do!, Nacionaro Ki-i-dooo”). Se me lembro de tudo isso, meu filho se lembrará do refrão “o Sol pediu a Lua em casamento, e a Lua disse não sei, não sei, me dá um tempo”, do Pequeno Cidadão. Assim como minha mãe no estágio avançado do Alzheimer canta, quando meu cunhado Daniel toca para ela no violão, “Aquarela do Brasil”, “Samba do avião”, “Night and Day”, “Volare” e chora de emoção.

Me lembro de coisas da infância porque vejo fotos. Como da vez em que colocaram em mim um capacete verdadeiro de bombeiro, profissão que por muitos anos planejei ter. Está registrado, tem foto, então tenho certeza de que aconteceu. Ou será que está na memória porque há um registro do momento? Me lembro das festas de São João da Serelepe, em que minha mãe me fantasiava de caipira da cabeça aos pés, com chapéu de palha, camisa xadrez, calça erguida como um pequeno Mazzaropi. Até no bigode de rolha queimada ela caprichava. Lembro porque há muitas fotos da quadrilha em que eu danço com minha irmã Nalu, uma coreografia nitidamente ensaiada, cercados por monitores que organizam o casamento na roça, a fuga da cobra e da chuva. Mas não me lembro com clareza. Vejo as fotos.

Me lembro até hoje com precisão de um evento da categoria dos Traumáticos Para a Vida Toda, capaz de modificar a personalidade de um indivíduo sensível e inseguro. Foi no Rio de Janeiro, quando eu tinha seis anos e era recém-chegado e recém-matriculado no Colégio Andrews. Na primeira festa de São João da escola, lá foi o pequeno Mazzaropi paulistano: chapéu, camisa xadrez, calça encurtada. Acontece que, no Rio, ninguém se fantasiava de caipira em festas de São João. Muitos vieram me perguntar por que meu rosto estava sujo. Não tinham ideia da complicada operação que era desenhar um bigode com uma rolha queimada.

Nunca perdoei minha mãe por esse fora cultural. E até hoje tenho trauma de festas à fantasia. Não vou nem arrastado: tenho medo de, como num pesadelo, ser o único a aparecer a caráter.

Me explica rápido: por que velhos com demência se esquecem das coisas vividas horas antes e passam a se lembrar das vividas na infância? Chamam filhos pelos nomes de irmãos, veem netos e acham que são sobrinhos ou filhos, amigos antigos, confundem o marido com ex-namorados, parentes vivos com os já mortos, contam piadas infantis, riem de joguetes e cantam canções de ninar com requinte de especialista.

A intensidade de uma lembrança é diretamente proporcional à sua antiguidade. As recém-chegadas somem antes daquelas de que lembramos muitas vezes na vida, as adquiridas. Quanto mais antiga e primitiva, mais estável ela é. As últimas se vão primeiro.

Meu filho nasceu às 8h45. Me lembro e me lembrarei de cada segundo do seu parto. Me lembro de ver sua cabecinha saindo. De ele balançar os bracinhos na luz. De eu chorar sem sair lágrimas. Ou de sair lágrimas sem eu chorar. Duvido que me esquecerei de algum detalhe desse dia milagroso. Existir é passar de um estado para outro: tenho fome, como, tenho frio, me agasalho, estou alegre, e agora triste, e depois estarei alegre, penso e chego a conclusões, me lembro de algo que me toca o coração, sinto um cheiro que me lembra alguém, sinto um gosto que me lembra um lugar, me emociono. Emocionar-se é passar de um estado para o outro. Você vê um quadro hoje. Vê o quadro de novo daqui a dez

anos, o revê daqui a vinte, trinta, quarenta... É o mesmo quadro com a mesma moldura, na mesma parede do mesmo museu, com a mesma luz, é você, mas cada vez será visto de outra forma. Cada vez ele nos conta uma história. O quadro não mudou. Já nós...

Li em *Putas assassinas*, de Roberto Bolaño: “Uma rajada de vento que só atravessa sua imaginação borra as casas do bairro de que se lembra. Depois de se barbear, B vai à janela e observa as fachadas vizinhas. Tudo está igual a ontem...”.

Se tudo é recriação de algo já inventado, nada é invenção.

Sei que repetirei lá na frente o que narrei antes. Este livro sobre memória nasce assim. Histórias são recuperadas. Umas puxam outras. As histórias vão e voltam com mais detalhes e referências. Faço uma releitura da releitura da vida da minha família. Reescreverei o que já escrevi.

Ainda vejo o facho, não quero me afastar. Existem várias formas de contar a história sobre memória e a falta dela. Procurarei a fogueira no alto quando o mar me puxar. Vou para voltar. Quem nadou em mar aberto sabe: antes de lutar desesperadamente contra a correnteza, é melhor deixar-se levar por instantes; é preciso ter calma e coragem; a correnteza enfraquece, então saímos fora.

Antonio Callado escreveu em agosto de 1995 na coluna da *Folha de S.Paulo*:

Outra recordação que me ficou nítida liga-se a Búzios. Ali fui, num fim de semana de 1971, hóspede de Renato Archer. Saíra com ele, Maria, Maurício Roberto e outros amigos para um passeio de lancha. Quando paramos, ao voltar, a uns cem metros da praia, vimos alguém, uma moça, que nadava firme em nossa direção. Minutos depois subia a bordo, cara alegre, molhada do mar, Eunice Paiva, mulher do deputado Rubens Paiva, amigo de Renato, amigo meu, de todos nós, um dos homens mais simpáticos e risonhos que já conheci. Eunice andara preocupada. Rubens fora detido pela Aeronáutica dias antes e nenhuma notícia sua tinha

chegado à família. Mas agora Eunice, que fora também presa mas em seguida libertada, podia respirar, tranquila, podia nadar em Búzios, tomar um drinque com os amigos, pois acabara de estar com o ministro da Justiça, ou da Aeronáutica, que lhe havia garantido que Rubens já tinha sido interrogado, passava bem e dentro de uns dois dias estaria de volta a sua casa. Dois dias depois, isto sim, os jornais recebiam uma notícia tão displicente que se dizia que seus inventores não faziam a menor questão [de] que fosse levada a sério: Rubens estaria sendo transferido de prisão, num carro, quando guerrilheiros que tentavam libertá-lo tinham atacado e sequestrado o prisioneiro. O que correu pelo Rio, logo que se suspeitou de sua morte, é que ele morrera às mãos, ou pelo menos de tortura diretamente comandada pelo brigadeiro João Paulo Penido Burnier, aquele mesmo que queria fazer explodir o gasômetro do Rio para pôr a autoria do crime na conta dos comunistas. A família Paiva nunca mais teve notícias oficiais de Rubens. Nunca se encontrou a cova onde o terço atirado depois do assassinato. A cara de Eunice continuou molhada e salgada durante muito tempo, tal como naquela manhã de Búzios. A água é que não era mais do mar.

Eu e minha mãe lemos a coluna juntos, no sábado em que foi publicada, durante um almoço na casa dela. Acho que ficou lisonjeada. Você se lembra desse dia em Búzios?

— Claro. Foi dias depois de eu ser solta, em 1971, eu estava magérrima, queimada, de biquíni, linda... — ela disse, e foi sorridente para a cozinha.

O que importa era que ela estava magra, magérrima, queimada, linda. E que a prisão não a quebrou por dentro.

No verão de 1971, a imagem da minha mãe, aliviada, de biquíni, com os olhos castanho-claros brilhando sob a luz do sol, quarenta e um anos, subindo alegre numa lancha depois de ficar doze dias presa no DOI-Codi do Rio de Janeiro, sem ter a menor ideia de por que fora presa nem de que o marido estava morto havia muito, não saiu da memória de Callado. Escritor é assim.

Lembra-se das contradições enormes, de imagens que podem ser descritas décadas depois, pois ficou tocado por ela.

Ela tinha perdido vinte quilos. Ficou presa numa cela de fundo, em que quase ninguém aparecia. Sem sol. Ela não viu meu pai, apenas sua foto no álbum de presos, o que a deixou contraditoriamente aliviada, pois então ele estava ali, nas mesmas dependências, vivo, e ao mesmo tempo angustiada, pois seu rosto fazia companhia ao de centenas de presos, suspeitos, guerrilheiros, terroristas, inimigos do sistema, procurados, mortos em combate, torturados, subversivos, ou, como preferia a imprensa: O Terror!

A maioria dos brasileiros não sabia exatamente da luta armada, de organizações clandestinas, de guerrilheiros da selva, nas cidades. Minha mãe lia as notícias filtradas pela censura ou autocensura sobre terroristas tombados em combate na fuga, sequestros de embaixadores, assaltos a bancos praticados pelo Terror! Será que meu pai sabia do que acontecia nos bastidores e a poupava por “questão de segurança”? Seria inútil torturá-la. Apesar de ela desconfiar que, mesmo cassado e visado e contra a luta armada, ele conhecia gente demais e fazia alguma coisa contra o regime que combateu e contra quem perdeu. Regime que foi à forra e o virou do avesso.

23 de fevereiro de 1996. Centro velho de São Paulo. Calor. Sol. Não ia chover.

Ela me fez vestir um dos ternos que eu tinha herdado dele e que estão comigo até hoje. Pegamos o metrô para descer na praça da Sé. Adorávamos andar de metrô. Caminhamos até o cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais — 1o Subdistrito da Sé. Os funcionários estavam assustados com a quantidade de fotógrafos e cinegrafistas. Era um momento sublime. Mal sabiam que se fazia história naquela repartição abafada.

Um cordão da imprensa respeitou a nossa passagem. A escrevente substituta Cibeli da Silva Bortolotto nos entregou, com as mãos trêmulas e um sorriso forçado, o atestado:

Certifico que, em 23 de fevereiro de 1996, foi feito o registro de óbito de Rubens Beyrodt Paiva. Profissão, engenheiro civil. Estado civil, casado. Natural de Santos, neste Estado. Nascido em 26 de dezembro de 1929. Observações: Registro de Óbito lavrado nos termos do Artigo 3o da Lei 9140 de 4 de dezembro de 1995.

Meu pai, um dos homens mais simpáticos e risonhos que Callado conheceu, morria por decreto, graças à Lei dos Desaparecidos, vinte e cinco anos depois de ter morrido por tortura.

Na calçada, avistávamos a baixada, o parque Dom Pedro (o que restou dele), o Brás, bairro em que ela nasceu (o que restou dele). Ela ergueu o atestado de óbito para a imprensa, como um troféu. Foi naquele momento que descobri: ali estava a verdadeira heroína da família; sobre ela que nós, escritores, deveríamos escrever.

Minha mãe esteve na capa de todos os jornais no dia seguinte. Com o atestado de óbito erguido, alegre. Uma batalha foi vencida. V de vitória. Ela nunca faria uma cara triste. Bem que tentaram. Por anos, fotógrafos nos queriam tristes nas fotos. Tivemos nossa guerra fria contra o pieguismo da imprensa. Com o tempo, aprendemos a selecionar qual órgão evitar e como nos portar. - Éramos “A família vítima da ditadura”. Apesar de preferirmos a - legenda “Uma das muitas famílias vítimas de muitas ditaduras”. Não faríamos o papelão de sairmos tristes nas fotos. Nosso inimigo não iria nos derrubar. Família Rubens Paiva não chora na frente das câmeras, não faz cara de coitada, não se faz de vítima e não é revanchista. Trocou o comando, continua em pé e na luta. A família Rubens Paiva não é a vítima da ditadura, o país que é. O crime foi contra a humanidade, não contra Rubens Paiva. Precisamos estar saudáveis, bronzeados para a contraofensiva. Angústia, lágrimas, ódio, apenas entre quatro paredes. Foi a minha mãe quem ditou o tom, ela quem nos ensinou.

Durante toda a minha vida, se um entrevistador me perguntasse sobre o meu pai, eu respondia imaginando como a

minha mãe responderia.

Lei 9140 de 4 de dezembro de 1995.

Artigo 1º: São reconhecidas como mortas, para todos os efeitos legais, as pessoas que tenham participado, ou tenham sido acusadas de participação, em atividades políticas, no período de 2 de setembro de 1961 a 5 de outubro de 1988, e que, por esse motivo, tenham sido detidas por agentes públicos, achando-se, desde então, desaparecidas, sem que delas haja notícias.

Artigo 3º: O cônjuge, o companheiro ou a companheira, descendente, ascendente, ou colateral até quarto grau, das pessoas nominadas na lista referida no art. 1º, comprovando essa condição, poderão requerer a oficial de registro civil das pessoas naturais de seu domicílio a lavratura do assento de óbito, instruindo o pedido com original ou cópia da publicação desta Lei e de seus anexos.

Depois de vinte e cinco anos, minha mãe pôde enfim se considerar viúva, mexer em aplicações bancárias do meu pai, bens, fazer um inventário. Graças a uma lei que o governo Fernando Henrique se viu forçado a promulgar, depois de uma provocação que fizemos.

Eleito presidente em 1994, FHC, amigo íntimo do meu pai, desconversou quando a Anistia Internacional cobrou uma posição sobre os desaparecidos políticos. Foi notícia. Eu morava nos Estados Unidos. Liguei para a minha mãe, que também estava indignada no Brasil. Minutos depois, chegou um fax no meu quarto e sala em Stanford, Califórnia. Ela tinha encontrado nos arquivos o texto do FHC sociólogo e colunista da *Folha*, nos anos 80, citando o amigo Rubens Paiva e cobrando do governo Sarney uma posição sobre os desaparecidos políticos. Liguei imediatamente para

meu amigo do movimento estudantil, Paulo Moreira Leite, conhecido como PTB, que na época era redator-chefe da *Veja*. Pedi uma página para escrever um texto sobre a contradição do FHC dos anos 80, pensador crítico do regime, e dos anos 90, presidente da República. Ele me deu duas páginas.

A repercussão, imensa. Mas a resposta foi digna. Com José Gregori, outro amigo do meu pai, seu ministro da Justiça, redigiram a Lei 9140. Quando ela foi promulgada, chamaram minha mãe para a cerimônia no Palácio do Planalto. Ela ficou sentada ao lado do presidente, diante de ministros militares. Ao final, todos se levantaram, abraçaram-se. Fotos.

No dia seguinte, vejo na capa dos jornais minha mãe abraçada ao chefe da Casa Militar, general Alberto Cardoso, do Exército brasileiro. É uma das fotos mais importantes do longo e infundável processo de redemocratização brasileira. Tempos de reconhecimento. Um lado sai da trincheira e cumprimenta o outro.

Sabemos muito bem que o terror que reinou no país foi obra de parte dos militares. Sabemos muito bem que não se fazem generalizações em acirramento ideológico. Militares foram os que mais sofreram nas mãos dos militares durante a ditadura. Muitos foram presos, expulsos, humilhados, exilados, torturados e mortos. Aliás, grande parte dos que combateram a ditadura militar, desde o seu começo, foram militares contrários ao regime. Muitos caíram na luta armada. Fundaram até uma organização clandestina, a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), de sargentos, tenentes e capitães descontentes. Sabemos que a “linha dura” manchou o nome da instituição que lutou na Guerra do Paraguai, proclamou a República, lutou contra o nazifascismo na Itália e se levantou em nome da democracia em 1945. Sempre soubemos que o nosso inimigo não vestia farda. Era um regime, não uma carreira.

O general contou para o jornalista Emanuel Neri: “Eu a conheci ali, pouco antes da cerimônia. Me impressionou o equilíbrio e a simpatia daquela senhora, que, logicamente muito machucada, não exibiu o menor rancor. No abraço, eu senti que ela estava emocionada. O meu abraço foi espontâneo, nada programado. Quando vi, me assustei, mas depois vi que naquela

foto o mais importante não era eu estar ali, mas sim o simbolismo. O triângulo ali exposto representava bem a reconciliação. Depois, recebi cumprimentos de colegas de farda”.

Quando a encontrei, tempos depois, pedi detalhes do abraço. Ela falou na maior simplicidade:

— Todos se levantaram, abracei o Fernando Henrique, que estava ao meu lado, virei, tinha um militar, eu não sabia o que fazer, era o general, acabei abraçando-o também.

Grandes gestos são humildemente casuais. Tenho um agradecimento a fazer aos militares brasileiros: obrigado por não terem matado a minha mãe.

Blá-blá-blá...

A Facciollada.

Minha família materna é italiana. E saudável. Raramente um Facciolla morre. Como diz o ditado, sempre repetido pela minha avó italiana, que como todo italiano adora ditados, “coisa ruim não morre cedo”. Temos dupla cidadania, passaporte e direitos, como parte dos paulistanos. Até votamos para o milenar Senado romano.

Minha família é louca, como toda família italiana: tudo é um drama, tudo é intenso, vamos do amor ao ódio e do ódio ao amor antes de a água ferver. E, quando achamos que tudo está perdido, que a vida é uma desgraça, alguém se lembra, ah, somos italianos, e passamos a ignorar a birra, o escândalo, o drama, que já identifico no meu filho de um ano e três meses, já com dupla nacionalidade, que urra, ajoelha-se e esmurra o chão tragicomicamente, joga a cabeça para trás e faz um drama operístico quando contrariado, para o qual não damos bola, porque sabemos: é um *ragazzino* canastrão.

Somos italianos, loucos e com problemas de peso. A única pessoa não cem por cento italiana da *famiglia* era justamente a minha mãe. De sangue, era. De alma, muito pouco. Eu queria ter tido uma mãe completamente italiana. Me pergunto se é normal um cara invejar a mãe dos outros. Passei a vida achando minhas tias, sogras e mães de amigos mais afetivas e carinhosas do que a minha. Que por vezes parecia uma namorada birrenta e temperamental. Costumava bater o telefone na minha cara. E ficava dias sem falar comigo, me evitando, me “dando um tempo”. Imagino que uma verdadeira mãe italiana jamais bateria o telefone na cara do filho.

*image
not
available*

se falava italiano. Apesar de proibida pelo meu avô, ela fez letras antes de se casar e direito depois de viúva. Não foi ser na vida uma digna mãe italiana, mas uma advogada tão eficiente e requisitada que, aos setenta anos, nunca a deixavam se aposentar. Ela tentava, mas dobravam seus honorários, mesmo quando o Alzheimer subia pelo elevador sem ser anunciado.

Não exercia seu afeto por meio de afagos, mas pela praticidade. Nunca me disse “eu te amo, filhinho”. Mas eu sabia que ela me amava, orgulhava-se de mim, sem demonstrar.

Percebeu que conjuguei no passado, apesar de ela ainda estar viva enquanto escrevo, morando num prédio vizinho ao meu, provavelmente sentadinha vendo TV com alguma de suas cuidadoras, que ela adora e com quem se diverte? É uma confusão recorrente de quem tem um parente com Alzheimer: falar dele no passado. Antes, eu sentia uma culpa sem fim por enterrar na conjugação verbal alguém que está vivíssimo e presente. Parecia um golpe do inconsciente, um lapso proposital, um desejo reprimido.

Quem tem Alzheimer em estado avançado está lá, mas não está, é a pessoa, mas não é. Pensa de uma forma peculiar; talvez tais pensamentos façam algum sentido, talvez ela tenha se acostumado com a confusão deles; ou talvez deixe de pensar, já que eles não se concluem.

Muitas vezes ela presta atenção no que dizemos. Às vezes, solta uma frase picotada, que faz sentido. Ou não faz, e pretendemos que faça. Por vezes, ela repete irritada:

— Blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá...

Não sabemos se as vozes dos outros se tornaram para ela um longo blá-blá-blá, ou se aquilo sobre o que debatemos não faz sentido, não tem relevância, não chega a lugar nenhum, não passa de um enorme blá-blá-blá.

Talvez o vazio dos seus pensamentos não passe de um blá-blá-blá.

A vida é um blá-blá-blá para quem sofre de uma doença que o afasta de tudo em volta. E toda vez que vejo alguém gripado se queixar de que está doente, eu penso que ele não sabe realmente o

*image
not
available*

suficiente. Nos anos 60, vinham trabalhadores da Bahia. Sua chegada era um acontecimento. Os solteiros da fazenda ficavam numa grande casa de madeira, a Casa dos Solteiros. Para os casados havia muitas casinhas enfileiradas, com varanda, sala, dois quartos, cozinha e banheiro. Acho que foi meu pai quem as construiu.

Muitas vezes, atravessávamos a vila de trabalhadores e visitávamos suas casas, tomávamos café em canecas de metal com eles. Minha irmã caçula Babi se lembra:

— Adorava ir comer a comida deles. Ia com a Cida, nossa babá, na casa de algum parente ou conhecido comer aquela comida feita num fogão a lenha. Adorava feijão, arroz com farinha, que eles ofereciam num prato de alumínio amassado. Achava delicioso o arroz molinho com feijão.

À noite, os adultos iam para a sala de estar do meu avô, com poltronas de couro, tapetes chineses e lareira. Só maiores de dez anos (ginasianos) tinham permissão de entrar. Quando os netos começaram a fazer dez anos, a regra mudou. Só maiores de catorze (colegiais) teriam então o privilégio de acompanhar a noitada dos adultos. Restava para os menores o terraço. Lá as brincadeiras de salão eram organizadas pelas tias e pelos primos mais animados e criativos. Fazíamos coral, com músicas da Jovem Guarda. Peças de teatro, em que representávamos histórias e lendas da região. Jogos de adivinhação. E cedo íamos para a cama, para, antes de o sol nascer, bebermos leite diretamente da vaca na cocheira ao lado.

A cidade de Eldorado ficava a pouco mais de dois quilômetros de distância. Às vezes, animados, fazíamos o percurso a pé, pela estrada de terra, todos os primos, cantando, para comprar sorvetes, um rolê pela praça central, visitar amigos, comprar varas de pesca e quem sabe arriscar uma sessão no único cinema da cidade, que passava de Chaplin a Mazzaropi, meu primeiro ídolo. Procissões em feriados religiosos, não perdíamos uma. Até cantávamos as músicas religiosas arrastadas e de vogais abertas, coro desafinado que percorria as ruas da cidade. E nós, os primos, arriscávamos a nos misturar entre os campos de pelada. Claro que as crianças de Eldorado jogavam muito bem, e tomávamos um baile.

Os trabalhadores da fazenda resolveram montar um time

imagem negativa. O mal! O mal de Parkinson. O mal de Alzheimer.

Toda vez que alguém diz “sua mãe tem mal de Alzheimer”, eu corrijo: “Ela tem Alzheimer. Não mal de Parkinson”. Empurro para outros o substantivo, uma prova da desunião dos maus, uma maldade contra aqueles que têm Parkinson, tá, não “mal de”. Mal de Parkinson e de Alzheimer não têm nada a ver. Apesar de os dois ocorrerem em ligações nervosas do cérebro. Curioso como não se diz mal de câncer, mal de distrofia muscular, mal de gripe, mal de alergia. Mas Parkinson e Alzheimer são um mal. Como mal de Crohn (a doença de Crohn), inflamação crônica no intestino.

O *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*, elaborado pela American Psychiatric Association, separa os transtornos em mentais, por substâncias, esquizofrenia e psicóticos, do humor, ansiedade, factícios, dissociativos, sexuais e de identidade de gênero, de alimentação, sono, controle dos impulsos, de adaptação e personalidade. São mais de trezentos e noventa abusos, demências e transtornos com códigos e diagnósticos. Alguns você conhece, como TOC, voyeurismo, de aprendizagem (SOE), síndrome de Asperger, pedofilia, bipolaridade, ejaculação precoce, exibicionismo, masoquismo, anorexia, bulimia, cleptomania. Alzheimer está no Apêndice F (código 290-0). É um transtorno. Não tem data exata para se manifestar. Nem motivos visíveis. Detecta-se através da ressonância magnética do cérebro. Não tem cura. Pode-se viver anos com a doença.

vira-lata saindo do mar, elas enrolavam com destreza a toalha na cabeça, antes de usarem o secador. Um laço sofisticado, que nunca entendi como fazer. Lembrava um adorno egípcio. Uma vez, tentei enlaçar a cabeça com uma toalha. Não parava na cabeça. Não entendia por que na cabeça delas parava, e na minha, nada. Dei um nó. Me enrolei todo. Quase morri sufocado. Sem sucesso. Só as mulheres conseguem.

Dividia o banheiro com as irmãs. A sós, passei esmalte nos dedos. Cheirei cremes. Ataquei formigas da pia com uma pinça em cada mão. Grudei presilhas nas minhas orelhas, elásticos no cabelo, piranhas no rabo do gato. Na lixeira, me intrigavam os pacotinhos embrulhados em papel higiênico. Abri alguns deles e observei, maravilhado, o sangue escondido, proibido. Eu sabia que elas não estavam doentes, nem raladas. Ninguém me explicou o significado daquele sangue secreto; pedaço do misterioso mundo feminino. Vi no banheiro um sutiã. Os dedos percorreram o tecido delicado. Examinei a intrincada engenhoca e armação de alças, presilhas, elásticos e um fecho. Que sofisticada obra de engenharia é o sutiã. Fiz dele um estilingue. Depois de me certificar de que a porta estava trancada, experimentei por cima da roupa. Percebi o quanto é inoperante o fecho. Senti as alças apertarem os ombros, o tecido segurar algo que faltava, a armação dificultar os movimentos dos braços. Olhei de novo no espelho e ri. Agora, sim, eu estava comprovadamente embichado. Colégio público é pouco. Escola militar!

Vi durante a vida minha mãe se arrumar, desfilar, ir e vir do espelho, ir e vir do banheiro, testar combinações, se maquiar, se pentear. Tinha um andar elegante. Ensaiaava passos de dança pelo quarto. Eu gostava do jeito que ela dançava. Tudo no passado.

Quando meu pai me colocou na escola pública na praça da República, o queridinho da casa de repente virou um anônimo uniformizado, solitário, cercado por crianças que usavam o mesmo terno desconfortável e antiquado. Encontrei uma saída. Minha avó paterna, Cecy, animada, carioca de nascimento, morava em frente à escola, na avenida Ipiranga com a São Luís. Eu fugia da escola. Pedia para um pedestre me ajudar a atravessar a avenida e passava a

Empinando pipa e jogando bolas de gude nos canteiros de terra do Leblon. No domingo, lotávamos uma Kombi para ir ao Maracanã, assistir ao Flamengo, time sediado no Leblon. Fio Maravilha era nosso ídolo. Os pais se revezavam. O meu nos levou certa vez. Lembro que, quando subíamos o viaduto para entrar no túnel Rebouças, um moleque arrancou a bandeira do Flamengo que eu segurava. Gritamos:

— Para o carro, para o carro!

Ele parou. Descemos uns cinco moleques atrás do ladrãozinho. Em segundos, o alcançamos e resgatamos nossa bandeira. Trocamos uma infinidade de palavrões, voltamos para o carro como heróis. Meu pai ficou mais branco do que uma bandeira do Santos — o seu time, desconfio, já que era da cidade. E surpresa: seu filho já estava mais carioca do que muitos cariocas.

Num dia de semana, a praia amanheceu apinhada. Toda a favela correu para lá. Estavam chamuscados. Crianças carregavam pertences. Na água, bonecas com fuligem. A favela do Pinto tinha pegado fogo. Foram os militares, diziam. Viram helicópteros do Exército sobrevoando a favela na noite da tragédia. O tumulto durou uns dias. Certa manhã, tomávamos café e um grupo de moleques invadiu a nossa casa. Não falaram nada. Foram até a geladeira, comeram com as mãos o que encontraram. Nem nos levantamos da mesa. Eram meus vizinhos da favela do Pinto, remanejados para o outro lado da cidade.

A área abandonada do Leblon foi aterrada em tempo recorde. Em meses, subiram prédios de até dezessete andares. Os apartamentos foram comprados na maioria por militares, que receberam empréstimos descontados diretamente da folha de pagamento (soldos). O condomínio, que se estendia por grandes quadras, com uma praça no meio, recebeu o apelido de Selva de Pedra, em homenagem à novela da Globo. A especulação imobiliária expulsou o democrático futebol de rua. Enviaram os pobres para os guetos. E o convívio pacífico virou passado e ilusão.

Toda a molecada do bairro fazia uma conexão no Central-Gávea. No ginásio, com dez, onze anos, descíamos depois da escola para assistir a filmes de arte. Educação sexual formal naquele tempo

Mãe-protocolo

Minha mãe nunca foi a uma reunião de pais e mestres nas escolas em que estudei, no Rio e em São Paulo, não lia meus boletins nem meus trabalhos, o que me deixava perplexo, radicalmente decepcionado, me fazia sentir o mais abandonado dos alunos pela mãe mais desinteressada das mães. Gosto que, por outro lado, me obrigou desde cedo a tentar resolver meus próprios problemas, batendo nas portas de quem eu poderia bater, de coordenadores, diretores, professores e amigos. Deixa eu fazer uma correção: minha mãe nunca foi a uma reunião de pais e mestres nas escolas em que estudei depois de ter ficado viúva aos quarenta e um anos. Tinha mais o que fazer. Confiava no bom senso das escolas e delegava aos cinco filhos a missão de zelarem pela própria educação.

Existem muitas minhas mães. Ela virou outra, depois de viúva. Passou a andar com gente muito mais jovem ao frequentar a faculdade de direito. Passou a sair com amigas desquitadas, viúvas ou solteiras. Passou a sair. A ir a festinhas. A namorar escondida de nós, depois passou a assumir. Era charmosa. Não ficou no balcão da solidão bebendo lágrimas de sal. E trabalhava demais.

Aprendi cedo que minha mãe não era a pessoa ideal para se fazer manha, choramingar por nada, reclamar de bobagem. Minhas tias morriam de pena de nós, que, bebês, ficávamos chorando meia hora sem que ela acudisse. Era a forma que acreditava ideal para educar um filho. Não nos mimou, palmos. Mas criou cinco filhos chorões.

Confesso que eu queria uma mãe sentada numa sala de uma escola vazia e silenciosa, numa noite de segunda-feira, ouvindo dos